

AMARI

E OS
IRMÃOS DA NOITE

B. B. ALSTON

Ilustrações
Godwin Akpan

Tradução
Inês Castro

 Planeta



*Para a minha mulher, Quinteria,
que sempre acreditou*

1



ESTOU SENTADA NO GABINETE DO DIRETOR. OUTRA VEZ. No corredor, do outro lado da porta de vidro, o diretor Merritt está a ouvir das boas da mãe de Emily Grant. Com todos aqueles gestos furiosos das mãos, parece que fiz muito mais do que dar um empurrãozinho à sua filha empregada, a menina Princesinha. Emily é que se meteu comigo, não o contrário. Não tenho culpa que ela tenha perdido o equilíbrio e caído de rabo em frente de toda a gente.

Emily está atrás da mãe, rodeada pelo seu grupinho. Tapam a boca e cochicham, mirando-me através da porta como se mal pudessem esperar para me apanhar sozinha. Inclino-me para trás na minha cadeira, ao abrigo dos seus olhares. *Desta vez é que aprontaste mesmo, Amari.*

Lanço uma olhadela à fotografia do menino de pele castanha na parede por trás da secretária do diretor Merritt e franzo

o sobrolho. Quinton ergue com orgulho o troféu que ganhou no concurso de matemática. Não se vê, mas eu e a minha mãe estamos mesmo junto ao palco, a aplaudi-lo.

Já não há muito para aplaudir.

A porta abre-se e a Sr.^a Grant entra com passo imponente, seguida por Emily. Nenhuma estabelece contacto visual quando se instalam nas cadeiras mais distantes. A sua antipatia por mim parece preencher o gabinete inteiro. Enrugo a testa e cruzo os braços – o sentimento é mútuo.

Depois aparece a minha mãe com o seu uniforme azul do hospital, teve de sair outra vez do trabalho por minha causa. Endireito-me na cadeira para pugnar pelo meu caso, mas ela atira-me um olhar que mata as palavras na minha garganta.

O diretor Merritt é o último a sentar-se, os olhos cansados a movimentar-se entre nós.

– Sei que existe um historial entre as duas meninas. Mas visto que é o último dia de aulas...

– Quero que a bolsa de estudos dessa menina seja revogada! – explode a Sr.^a Grant. – Não pago o que pago de mensalidade para que a minha filha seja agredida nos corredores!

– Agredida? – começo, mas a minha mãe ergue uma mão para me interromper.

– Amari sabe muito bem que não deve levantar a mão para outras pessoas – diz a minha mãe –, mas isto estava para acontecer há muito tempo. Essas meninas hostilizam a minha filha desde que ela pôs os pés nesta escola. As mensagens que deixaram nas redes sociais eram tão feias que considerámos a hipótese de apagar as contas dela.

– E tratámos do assunto, mal nos chegou ao conhecimento – retorque o diretor Merritt. – Todas as quatro meninas receberam reprimendas por escrito.

– E então as coisas que dizem na minha cara? – Inclino-me para a frente na cadeira, com as faces a arder. – Chamam-me Obra de Caridade e Almoço Grátis e recordam-me, sempre que podem, que miúdas como eu não pertencem a este lugar.

– Porque não pertences! – exclama Emily.

– Calada! – respinga a Sr.^a Grant. Emily revira os olhos.

A Sr.^a Grant levanta-se, voltando a sua atenção para a minha mãe.

– Vou ter uma conversa com a minha filha sobre o comportamento dela, mas a sua filha usou de violência física – eu podia apresentar queixa. Agradeça por não ir mais longe do que isto.

A minha mãe indigna-se, mas morde a língua. Pergunto a mim mesma se é porque a mãe de Emily tem razão na questão de apresentar queixa. Praticamente toda a escola viu.

– Levanta-te – continua a Sr.^a Grant para a filha e dirige-se para a porta. A Sr.^a Grant estaca de repente e olha para nós. – Espero ser avisada mal a bolsa dela seja revogada. Ou a Associação de Pais terá muito a dizer na próxima reunião.

A porta bate com força atrás delas.

Mal consigo ficar quieta, estou tão furiosa. Isto é tudo tão injusto. As pessoas como Emily e a Sr.^a Grant nunca entenderão o que é não ter dinheiro. Podem fazer o que quiserem sem consequências nenhuma, ao passo que nós temos de ter cuidado com todos os passos que damos.

– Vai mesmo tirar a bolsa de estudos à Amari? – pergunta a minha mãe em voz baixa.

O diretor Merritt baixa os olhos.

– Temos uma política de tolerância zero quando se trata de alterações físicas. As regras da escola ditam que ela seja expulsa. Retirar-lhe a bolsa é o menor castigo que posso oferecer.

– Compreendo... – A minha mãe afunda-se na sua cadeira.

A minha raiva consome-se em vergonha. A minha mãe já está triste por causa de Quinton. Eu não devia estar a aumentar-lhe as preocupações só porque não consigo lidar com algumas rufias.

– Sei que tem sido... difícil – diz-me o diretor Merritt –, desde o desaparecimento de Quinton. Era um miúdo fantástico com um futuro verdadeiramente brilhante. Não é preciso ser um génio para perceber a ligação entre esse incidente e o início dos teus problemas de comportamento, Amari. Posso providenciar para que fales com um orientador, gratuitamente...

– Não *preciso* de um orientador – interrompo.

O diretor Merritt franze o sobrolho.

– Devias falar com alguém sobre a tua raiva.

– Sabe por que empurrei a Emily? Porque ela pensou que era divertido gozar e dizer que o meu irmão está morto. Mas não está. Não me interessa o que dizem. Ele anda por aí, algures. E quando eu o encontrar, vão ver todos!

Estou a tremer, as lágrimas a escorrer-me pelo rosto. O diretor Merritt não diz nada. A minha mãe levanta-se devagar e puxa-me para os seus braços.

– Vai para o carro, Miudinha. Eu termino isto aqui.



Voltamos para casa em silêncio. Já se passaram quase seis meses desde que Quinton desapareceu, mas não parece que foi assim há tanto tempo. Parece que ainda no outro dia estava a telefonar para a minha mãe a dizer que vinha a casa no Natal. Era uma grande coisa, porque Quinton estava sempre fora desde que conseguiu aquele emprego importante depois do liceu. O tipo de emprego em que não se pode contar a ninguém o que se faz.

Eu costumava jurar a pés juntos que Quinton era algum tipo de espião supersecreto como James Bond. Mas ele lançava-me apenas um sorrisinho malicioso e dizia: «Estás enganada, mas não *totalmente* enganada». Sempre que eu tentava arrancar-lhe mais alguma coisa, ele só se ria e prometia contar-me quando eu fosse mais velha.

Estão a ver, Quinton é *muito* inteligente. Formou-se como melhor aluno da Jefferson Academy e recebeu ofertas de bolsas de estudo integrais de duas universidades de excelência da Ivy League. Recusou as duas para trabalhar para quem estava a trabalhar. Quando desapareceu, eu tive a certeza que o seu trabalho secreto tinha alguma coisa a ver com isso. Ou que pelo menos alguém que trabalhasse com ele pudesse saber o que acontecera. Mas quando falámos do emprego dele aos detetives, eles olharam para mim e para a minha mãe como se fôssemos malucas.

Tiveram a lata de nos dizer que, tanto quanto podiam perceber, Quinton estava desempregado. Que não existiam registos fiscais que indicassem que tivesse tido algum emprego, de tipo nenhum. Mas isso não fazia sentido, ele nunca mentiria sobre uma coisa dessas. Quando a minha mãe lhes contou que ele costumava enviar dinheiro para ajudar a pagar as contas,

os detetives sugeriram que Quinton podia estar envolvido nalguma coisa que não queria que soubéssemos. Alguma coisa ilegal. É sempre o que as pessoas pensam quando somos do «Wood», também conhecido como habitação social de Rosewood.

O carro chocalha quando passamos por cima da via férrea, mostrando-me que estamos agora no meu bairro. Não vou mentir, é diferente voltar para aqui depois de ter estado no outro lado da cidade. É como se o mundo fosse mais radioso em volta da Jefferson Academy e de todas essas grandes casas coloridas que rodeiam a escola. O sítio de onde sou parece cinzento por comparação. Passamos por lojas de bebidas e casas de penhores e vejo rapazes traficantes encostados a placas de trânsito, com ar hostil, como se fossem donos do mundo inteiro. Jayden, um rapaz que conheci na primária, está num grupo de rapazes mais velhos, com uma grande corrente de ouro em volta do pescoço. Reconhece o carro e lança-me um sorriso quando passamos.

Tento retribuir o sorriso, mas não sei se é convincente. Não falamos desde que Quinton desapareceu. Não desde que ele começou a dar-se com os tipos de quem prometeu ao meu irmão manter-se afastado.

Mal paramos em frente ao nosso prédio, a minha mãe enterra o rosto nas mãos e chora.

– Estás... estás bem? – pergunto.

– Sinto que estou a falhar contigo, Miudinha. Faço turnos de doze horas, cinco dias por semana. Devias ter alguém por perto com quem pudesses falar.

– Eu estou bem. Sei que só trabalhas tanto porque tem de ser.

A minha mãe abana a cabeça.

– Não quero que tenhas de batalhar como eu. Aquela bolsa de estudo para a Jefferson Academy era o teu passaporte para uma boa faculdade, para uma vida melhor. Deus sabe que não te posso mandar para um sítio daqueles com o que ganho. Não sei o que vamos fazer agora.

– Sinto muito, mas nunca me dei bem naquele lugar.
– Cruzo os braços e viro-me para olhar pela janela. Só porque o meu irmão fez com que parecesse tão fácil, não significa que eu o consiga fazer também. – Não sou o Quinton.

– Não estou a pedir-te para seres o teu irmão – diz a minha mãe. – Só estou a pedir-te para *tentares*. Aquela escola era uma oportunidade para veres que existe um mundo grande e vasto fora deste bairro. Uma chance para alargares os teus horizontes.
– Suspira. – Sei que não é justo, mas a verdade é que quando és uma pobre menina negra do Wood, certas pessoas vão ter já formatado na cabeça que tipo de pessoa és. Não lhes podes dar um motivo para pensar que têm razão.

Não respondo. Ela age como se isto não fosse uma coisa que já me disse um milhão de vezes.

– Se não estás a arranjar problemas na escola – continua a minha mãe –, ficas sentada em frente daquele computador durante horas. Não é saudável, Amari.

Quer dizer, sei que ela tem razão. Mas é difícil concentrar-me no trabalho da escola quando consigo ouvir as outras miúdas a sussurrar coisas sobre mim. E colocar fotos de Quinton em todos os *websites* que consigo faz-me sentir que estou a ajudar na investigação. Sei que é uma hipótese remota, mas dá-me esperança.

A minha mãe prossegue:

– Quando entrares em casa, quero que faças deslizar aquele portátil por baixo da minha porta e o deixes lá.

– Mas mamã...

Ela agita a mão.

– Não quero ouvir mais nada. Até que decidas levar o teu futuro mais a sério, aquele computador fica comigo. Falamos mais sobre isto amanhã. Tenho de voltar para o hospital.

Bato com a porta do carro depois de sair. E não olho para trás nem uma vez quando martelo os pés em direção ao nosso prédio. O que devo fazer agora?



Mal entro no apartamento, deixo-me cair no sofá e enterro a cabeça nas almofadas. Foi o *pior* dia de todos.

Por fim, com um gemido, iço-me para uma posição sentada e puxo da mochila o meu portátil velho e usado. Quinton ganhou-o depois de ficar em segundo lugar numa feira internacional de ciências, há muito tempo. Deu-mo depois de ganhar um melhor no ano seguinte.

Nem sequer fico surpreendida quando o ecrã continua preto depois de o abrir.

Abro-o e fecho-o algumas vezes, mas continua a não querer funcionar. Visto que é evidente que está com os azeites, pouso-o e vou à cozinha arranjar alguma coisa para comer.

Só que, mesmo depois de ter acalmado a minha barriga resmungona, o portátil continua a não ligar. Fecho os olhos e levo-o à testa.

– A minha mãe diz que tenho de desistir de ti e não faço ideia quando é que ela te vai devolver. *Funciona, por favor.*

Desta vez, ele liga logo. *Graças aos céus.*

O Wi-Fi gratuito do bairro é super lento, mas consigo, ainda assim, copiar e colar o cartaz de pessoas desaparecidas de Quinton numa dúzia de *websites*.

Em geral, verifico o *email* dele a seguir (descobri a *password* há vários meses, *Amari-Amazing*, o meu nome de super-herói fictício de há muito tempo), mas a minha curiosidade leva a melhor e entro na página de Instagram de Emily Grant para ver se ela publicou alguma coisa sobre o dia de hoje. E o que descubro? Uma fotografia minha no perfil dela, com a legenda:

Férias de Verão! E adivinhem lá?

Deitámos o lixo fora na Jefferson. Expulsa!

A mensagem tem uma tonelada de comentários de outros alunos. Leio apenas alguns antes de fechar o portátil com força. Nunca a quis cá... Ouvei dizer que ela roubava dos cacifos... Bastou que o estúpido do irmão caísse morto...

Não fui expulsão e o meu irmão não está morto. De queixo cerrado, abro outra vez o portátil para escrever uma resposta que as cale a todas. Uma notificação aparece no topo do ecrã e todo o meu corpo paralisa. É um novo *email* para Quinton.

1 Novo *Email*: De Entregas Discretas

O que pode não parecer grande coisa, mas Quinton nunca recebe *emails* novos. Nunca. Tenho andado a verificar desde o dia em que descobri a *password* dele.

Abro o *email*:

Pacote Entregue.

Receberá um *email* separado mal Amari

Peters tenha assinado, conforme solicitado.

Obrigado por usar o serviço de Entrega Discreta,

onde recebem o que têm a receber, quer

saibam quer não!

Este *email* autodestruir-se-á em 3... 2... 1...

O *email* desaparece.

Dou um salto de surpresa. Aquele *email* acabou mesmo
de...

E o que tenho de assinar?

Ouçõ uma batida na porta de entrada.

– Entrega!

2



CORRO A TODA A VELOCIDADE PARA A PORTA E ABRO-A COM um sacão.

Um homem de roupas esfarrapadas encontra-se na soleira da porta, todo curvado. Inclino-me por cima dele para olhar para o patamar, em ambas as direções. Onde está o tipo das entregas?

– Olá – diz ele sem levantar a cabeça. – Posso incomodar-te um instante?

Sinto-me logo culpada por o ignorar.

– Não tenho dinheiro nenhum. Mas há uma empada no congelador que te posso dar. A minha mãe ainda não foi às compras.

– É muito simpático da tua parte mas, de facto, acabei de sair de um belo restaurante.

– Oh – exclamo eu. – Então *não* és um sem-abrigo?

– Sem-abrigo? Céus, não. – O tipo ergue por fim a cabeça: é mais velho, com uma barba grisalha muito bem aparada. Tem estado curvado sobre um *tablet*. – Por que achas isso?

O meu olhar recai nas suas roupas com remendos.

– Hum, nenhuma razão.

O tipo segue o meu olhar e o rosto fica muito vermelho.

– Fica a saber que isto é o auge da moda em... oh, não interessa. Será que te chamas Amari Peters?

Uau! Dou alguns passos para trás.

– Como é que sabes o meu nome?

– Está aqui no ecrã – responde ele, apontando para o *tablet*.

– Preciso só que assines a tua entrega e vou-me já embora.

– Tu és... o tipo das entregas? – pergunto com cautela.

– E tens um pacote para mim?

– Sim. – Vira o *tablet*. – De um Q. Peters.

Solto uma exclamação ofegante.

– Estás a dizer que me trouxeste mesmo uma coisa do meu irmão?

O tipo assente com a cabeça.

– Sim, se esse tal Q. Peters for o teu irmão. Diz aqui que te enviou exatamente um conjunto «Alargar os Teus Horizontes».

Alargar os teus horizontes? Não era disso que a minha mãe estava a falar?

– Isto é alguma brincadeira?

– Acho que não. – Ele franze o sobrolho. – Só faço entregas em *part-time*, mas levo isto muito a sério.

– Bem, seja lá o que for que me devas entregar, fico com ele. – É aí que reparo que ele não traz nem envelopes nem caixas. – Onde está?

– Só depois de assinares, receio. – O tipo estende-me o *tablet* e eu agarro-o, assinando atabalhoadamente o ecrã com a ponta do dedo.

Fito-o na expetativa.

– O pacote?

O homem bate no ecrã mais umas vezes.

– Deixei-o no armário do antigo quarto de Q. Peters.

Fico a olhar para ele espantada.

– Estiveste dentro do meu apartamento?

– Com a autorização de Q. Peters, é claro. – Pigarreia com ruído. – Bem, agora, receio ir precisar da tua memória sobre todo este encontro. Compreendes, nós nas Entregas Discretas orgulhamo-nos do anonimato dos nossos clientes. Não te preocupes, vais receber na mesma o teu pacote. A dada altura do dia, sentirás um desejo repentino e inexplicável de limpar aquele armário e lá estará o pacote.

– Precisas da minha... quê? – Dou um passo nervoso para trás.

– Só dessa memória. – O tipo puxa do que parece um telecommando de televisão. Depois, semicerra outra vez os olhos para o *tablet*. – Oh. Enganei-me! Parece que o teu nome está na Lista de Memória Intacta. Aposto que alguém vai para a Agência. Os melhores trinta anos da minha vida. Bem, boa-tarde!

Pestanejo e o homem desapareceu. O que diabo se passou?
E o que está no armário do meu irmão?



Mesmo passado todo este tempo, estou quase à espera de ouvir Quinton gritar comigo por irromper pelo quarto dele adentro sem a sua permissão. Entro e olho em volta para os cartazes de *rap* enrugados pendurados ao lado das fotografias emolduradas de Stephen Hawking e de Martin Luther King. A cama dele está em desordem como sempre e todos os seus troféus académicos e certificados de distinção preenchem a parede do fundo.

Os investigadores deram cabo do sítio à procura de pistas sobre o que lhe poderia ter acontecido, mas eu e a minha mãe voltámos a pôr tudo como estava. Penso que ambas secretamente esperávamos encontrar alguma coisa que a polícia tivesse deixado passar, alguma coisa que só a família pudesse reconhecer. Mas isso não aconteceu. Nenhuma de nós voltou a entrar aqui desde então. É demasiado doloroso.

É apenas quando já estou lá dentro que as recordações me assaltam. Todas as ocasiões em que Quinton e eu costumávamos brincar aqui. Ou como, por vezes, ele punha uma *playlist* a tocar e ficávamos deitados no chão na galhofa e a conversar sobre como íamos um dia dominar o mundo. Como íamos mostrar ao idiota do nosso pai que abandonou a nossa mãe que valíamos alguma coisa. Como nos iríamos apoiar sempre um ao outro, acontecesse o que acontecesse. Claro que Quinton pode ser dez anos mais velho do que eu, mas sempre fomos próximos.

Tiquetaque... tiquetaque... tiquetaque...

Está bem, então... O quarto de Quinton nunca fez tiquetaque antes. De repente, fico toda arrepiada.

Se calhar aquele tipo esquisito das entregas *estava* a dizer a verdade. O pacote deve estar no armário de Quinton. E, efetivamente,

quando me aproximo mais do armário, o som fica mais alto. Enviou-me um relógio?

Mordo o lábio inferior e abro a porta do armário. Está vazio, à exceção de um enorme baú antigo e feio que Quinton arranjou na loja das coisas usadas quando éramos mais novos. Enquanto eu vasculhava no caixote das bonecas à procura de uma Barbie Negra, ele estava de olho neste baú defeituoso com metade da cobertura de pele em falta. Afirmou que precisava de um sítio para guardar todos os seus planos importantes.

Ao que parece, o que Quinton me enviou está lá dentro. Felizmente, ele rebentou a fechadura há alguns anos, por isso abri-lo é tão fácil quanto erguer a tampa. Vasculho por entre incontáveis dossiês desconjuntados e cadernos de apontamentos velhos, à procura de alguma coisa que possa fazer tiquetaque.

Só quando chego mesmo ao fundo é que descubro uma pasta preta com um tiquetaque ruidoso e um *Post-it* branco em cima, escrito com a letra de Quinton.

Confidencial. Só para Amari

Rapidamente, tiro a pasta do baú e pouso-a no chão. O que poderá estar lá dentro? Remexer nas fechaduras não a abre, por isso tento dar-lhe um bom puxão. Não tenho sorte nenhuma. É então que reparo noutra *Post-it* do outro lado.

*Abrir-se-á à meia-noite,
depois do último dia de aulas*

Engulo em seco, com o coração aos pinotes. Quinton nunca disse nada sobre ter uma pasta para mim. Mas é a letra dele.

Talvez queira explicar onde está e o que aconteceu. Após seis meses de preocupações loucas... isto poderá ser a forma de o encontrar?

Lanço uma olhadela ao despertador de Quinton. 4h13 da tarde. Faltam quase oito horas para a meia-noite. Mas do que será que estou à espera?



23h58

Estou no meu quarto, sentada na cabeceira da cama com os joelhos puxados para o peito. A pasta está aos pés da minha cama e tem um aspeto suspeito.

Vou verificar outra vez o corredor. A minha mãe está em casa há algumas horas, mas não há luz nenhuma por baixo da porta. Deve estar a dormir. *Que bom.* Seja o que for que esteja dentro desta pasta, Quinton deixou claro que só eu devo vê-lo.

23h59

Ando para a frente e para trás. Está bem, estou completamente a passar-me, certo? O que penso mesmo que vai acontecer?

24h

CLIQUE! SSSSSSSS...

Juro que dou um grande salto no ar. Arrasto-me até à cama e sento-me. Depois de uma inspiração para me acalmar, levanto a tampa da pasta. Riscas verdes e roxas fitam-me.

Estendo a mão, puxo o tecido macio de dentro da pasta e ergo para a luz o que parece ser um casaco de fato. Talvez

seja a coisa mais feia que já vi. Estico a mão e tiro as calças a condizer. Não faço ideia do que está a acontecer, mas não consigo evitar um sorriso. Isto é sem dúvida o sentido de humor esquisito de Quinton a funcionar.

E há mais coisas na pasta – um envelope e um par de óculos escuros grossos e metálicos. Presa aos óculos, há uma série de notas *Post-it*.

*#1 Por favor, deita-te antes
de os colocar*

*#2 Estou a falar a sério em relação
a deitares-te primeiro*

*#3 A sério, como se fosse um juramento
solene!*

Está bem, está bem, já percebi! Aproximo mais os óculos. Tirando o facto de serem pesados, parecem bastante normais. Com certeza, não perigosos o suficiente para três avisos. Será que nos põem tontos ou algo assim? Bem, se é a sério como se fosse um juramento solene, então, pronto, vou deitar-me.

Empurro a pasta para a beira da cama e deito-me para trás antes de colocar os óculos no rosto. Não tenho a certeza qual é a coisa tão importante...

– Amari? – chega-me uma voz que reconheceria em qualquer sítio.

Quinton?!